



1.^a e 2.^a Quinzena de Junho

N.^{os} 8 e 9

I.^o ANNO—1909—Director, *Larcher Marçal*

Prop. Administrador, **HUMBERTO GONÇALVES**

Red. e Adm. **R. D. ANTONIO BARROSO, 22**

Assinaturas--Barcellos 2 mezes 200 rs.--Fóra de Barcellos 6 mezes 700 rs.--Composto e Impresso--Typ. "Centro de Novidades,"--Barcellos

"Por Barcellos!,"

C.M.B.
Biblioteca

Os nossos trabalhos em prol dos melhoramentos locais.

—Uma Liga patriótica, que defenda os melhoramentos e interesses de Barcellos, tem o apoio de todos os chefes políticos e imprensa local. — O que estes dizem e pensam. — Nós, perante elles, proclamamos a necessidade de se tratar de Barcellos. — Elles apoiam-nos. — Para a frente, pois! --- Eis o caminho.



COMO jornal de orientação patriótica e de ideias verdadeiramente oppostas a tudo que não seja moralisar, progredir e educar, e já demonstradamente dedicado á defesa dos melhoramentos e interesses de Barcellos — d'esta rica povoação onde ha ar puro, onde epidemias não tem entrado, onde ha um rio que com os seus murmurios parece incitar todos a trabalhar sómente pelo enriquecimento d'esta boa terra, onde ha monumentos que nos indicam o passado heroico e fidalgo da gente barcellense — fazendo a propaganda de tudo que ali temos digno de ver-se e mostrar-se aos que de fóra aqui vêem, nós não podíamos, com boa razão, manter a nossa attitude patriótica em palavras, nem devíamos, por maior razão ainda, deixar de começar a desenvolver e a cumprir esse programma grandioso que foi o incentivo maior para fazer sabir esta *Revista*:—procurar unir,

n'um esforço patriótico, todos os elementos de valor que esta terra conta: e dizer, alto, perante elles:

Senhores! a apathia mata; a vontade anima; o esforço vence!

Mostrar, pela photogravura, a riqueza da nossa terra, e proclamar, por tudo e a proposito de tudo, a necessidade de enriquecer os fastos brilhantes da nossa historia barcellense, não com novos feitos d'armas, mas inaugurando uma epocha de actividade e de dedicação patriótica, para se consagrar o levantamento material e moral de Barcellos, é o que sinceramente pretendemos.

E sabemos já das palavras e começamos a operar: fomos dizer ao illustre presidente da Camara, aos illustres chefes políticos e directores dos jornaes que era necessario tratar dos melhoramentos de Barcellos.

Proclamando esta necessidade e apresentando a ideia da fundação d'uma Liga

que tome a iniciativa de promover e trabalhar por tudo quanto seja para os melhoramentos de Barcellos, elles declararam apoiar as iniciativas d'essa Liga e prestar-lhe todo o seu valioso concurso.

Que resta agora?

Caminhar!

Caminhemos, pois, senhores. E' para isso que aqui estamos e para isso foi que viemos trazer ao campo da imprensa o *Barcellos-Revista*. Pertencemos á ala dos novos, mas caminhamos tambem para a ala dos velhos.

Que venham até nós, velhos e novos, para trabalhar, para caminhar, todos unidos, em prol do levantamento material e moral de Barcellos.

E... para a frente!

Segue-se as entrevistas pela ordem que as fizemos:

O que diz o sr. dr. Augusto Monteiro, illustre presidente da Camara:

Fram 5 horas da tarde do dia 1 de junho. O illustre presidente da Camara de Barcellos, sr. dr. Augusto Casimiro Alves Monteiro, manda-nos conduzir ao seu luxuoso gabinete de trabalho no seu chalet á rua Manoel Paes de Villas Boas, vindo, momentos depois, ao nosso encontro. Depois de cumprimentar s. ex.^a e de lhe agradecer a honra de nos ter concedido esta entrevista, dissemos-lhe que, pela carta que tivemos a honra de lhe dirigir, s. ex.^a deveria já calcular o motivo que alli nos levava.

—Sim, tratar da fundação de uma Liga patriótica, parece que é, disse s. ex.^a.

—Exatamente, respondemos. E que peisa v. ex.^a ou qual a sua impressão do programma do *Barcellos-Revista* e da orientação que temos seguido?

—E', como não podia deixar de ser, muito sympathica e util a defesa que os srs. fazem dos interesses e melhoramentos de Barcellos.

—E não ha duvida de que é preciso passar-se das palavras ás obras...

—Sim e isso é o mais difficil, diz-nos s. ex.^a sorrindo.

—V. Ex.^a, como illustre presidente da Camara, deve ter, ou um programma dos melhoramentos que julga necessario fazer-se, ou terá feito o seu juizo sobre esses indispensaveis melhoramentos.

—Tenho não ha duvida; e tenho desejo de fazer muito, mas somos, como todos, obrigados a pensar e algumas vezes a retroceder perante o peor mal que é a falta de dinheiro com que a Camara luta—diz-nos s. ex.^a, frisando bem as ultimas palavras.

—E quaes os melhoramentos que V. Ex.^a julga mais necesarios?—acudimos nós rapidamente, como que procurando não deixar perder o fio que a conversa ia tomando.

—Ah!—diz-nos sorrindo—ha muito que fazer! Temos, por exemplo, e é d'isso que a Camara deseja tractar, o abastecimento d'aguas e o saneamento geral da villa.

—Muito bem. Mas um outro melhoramento se nos afigura tambem importante... (iamos a proseguir, mas s. ex.^a comprehendeu bem o alcance das nossas palavras, pelo que diz:

—A illuminação, por electricidade, sim. Não ha duvida que é isso um assumpto importante mas não tão difficil de resolver e realisar como aquelles, pois que este não traz grandes encargos ao municipio. E d'isto se tratará tambem e estou certo de que se levará a bom termo.

—Com um bocadinho d'esforço...

—Sim, mas não basta o esforço pessoal, é preciso mais—e sorri-se, pelo que nós comprehendemos que é sempre a falta de dinheiro que faz pôr de parte a realisação de muitas iniciativas e obras necessarias.

—V. Ex.^a, como presidente da Camara, está, por certo, disposto a prestar o seu valioso concurso ao trabalho, que é necessario iniciar-se em prol do levantamento material de Barcellos.

—Irei até onde puder ir, até onde possa chegar o meu esforço.

—E, portanto, presta auxilio á formação de uma Liga que trabalhe pela realisação dos melhoramentos locais.

—Declaro-me ao lado de v.v.; contem commigo, que lhes farei tudo quanto puder. Mas julgo um pouco difficil a reunião dos necesarios elementos de força para esse fim.

—Cremos que não, atalhamos. Porque o que nós desejamos, é a união de todos os chefes politicos para esse fim.

—E' isso o mais custoso, verão.

E como nós, n'esta altura, fizessemos uma allusão aos processos politicos aqui adoptados, dizendo ao mesmo tempo que era necessaria a união dos chefes dos partidos e o maior accordo entre elles quando se tratasse de qualquer melhoramento de reconhecida utilidade, entendendo de não difficil execução a nossa ideia da união d'esses chefes n'uma Liga patriótica, cuja direcção fosse constituída por elles, s. ex.^a ri do nosso optimismo e diz-nos com ar de graça:

—Os senhores julgam a politica pelo que veem, mas não a julgam pelo que se passa nos bastidores...

A esta observação, seguiu-se o nosso riso e o de s. ex.^a, pois que ignoravamos que a politica tambem tivesse os seus bastidores... occultos.

—Será então de difficil realisação a nossa ideia? Não encontraremos nos chefes politicos o necessario apoio?

—Olhem: eu estou convencido de que todos lhes dirão que sim e prometterão o seu apoio. Mas... a difficuldade está em ir mais alem.

LUZ E AMOR

*Da luz da instrucção irrompe a liberdade,
E guerrear a treva, illuminar o mundo,
E' sagrado dever que cumpre á Humanidade
Ao rasgar da ignorancia o veu denso e profundo.*

*Amar e progredir—lindo sonho de gloria!
Calcar da tyrannia a barbara oppressão,
Fitar de frente o sol, e escrever na Historia
Este poema gentil—Bondade e Instrucção!*

*Cantae, oh! mocidade, os hymnos d'alegria,
Saudando o alvorecer que nasce em cada escola.
Será cantar o amor, o pão de cada dia,
E do Saber louvar a doce e suave esmola!*

(Recitada na festa escolar)

ARNALDO BRAZ

—V. Ex.^a conhece a Povoia e sabe que nos ultimos tempos ella tem progredido muito.

—Mas a Povoia tem outros recursos que nós não temos!

—D'accordo! Mas nós referimos-nos aos melhoramentos que hão sido conseguidos por intervenção da politica local, que está unida quando se trata de algum melhoramento; é devido a essa união que a Povoia sustenta o seu Lyceu e que ella progride, se bem cremos.

—Não é tanto assim! A politica da Povoia não está tão unida como imaginam.

—N'esse caso, a informação que temos não é verdadeira.

—A Povoia, não ha duvida que tem progredido e tem conseguido melhoramentos, mas alguns por occasião das dissidencias que tem havido na politica portugueza.

—E foi mesmo a talhe de foice que nós dissemos a sorrir:

—O que só mostra, dissemos, que os politicos da Povoia sabem aproveitar as occasiões mais propicias para conseguirem melhorar a sua terra. Era o que aqui se devia ter feito, pois que, quando essas dissidencias politicas se deram, os respectivos chefes da politica local, poderiam tel-as aproveitado para conseguir qualquer melhoramento importante.

S. ex.^a, que ouviu estas palavras a sorrir-se, retorquiu:

—Aqui não se procedeu assim.

Mudamos de conversa e dissemos que iam

tentar a realisacão da nossa ideia, embora perdessemos o tempo e pedimos de novo o apoio de s. ex.^a, para tudo o que se tentasse em beneficio de Barcellos. S. ex.^a, com ar da mais captivante franqueza, disse:

—Da melhor vontade me declaro prompto a auxiliar-os no que esteja ao meu alcance e iri até onde possa ir, mas . . . vão encontrar dificuldades.

(N'este momento, entra um cavalheiro, pelo que fomos obrigados a interromper a conversa e, despedindo-nos de s. ex.^a, agradecemos, mais uma vez, ao illustre presidente da Camara, sr. dr Augusto Monteiro, o ter-nos dado a honra de nos receber e ouvir.)

Q ue diz o sr. dr. Vieira Ramos, illustre deputado, chefe do partido progressista e antigo presidente da Camara:

O Snr. dr. José Julio Vieira Ramos, illustre deputado da Nação, chefe local do partido progressista e antigo presidente do Municipio de Barcellos, accedeu, com a mais captivante amabilidade, ao pedido, que tivemos a honra de dirigirlhe, de uma entrevista, que se effectuou, no dia 2 de Junho, n'uma das salas da redacção de "O Commercio de Barcellos,,"

Erã 9 horas da noite quando s. ex.^a se dignou receber os representantes do *Barcellos-Revista*.

ta que, em breves palavras, exposeram a s. ex.^a o motivo que alli os conduzia.

Depois d'uma larga conversa sobre assumptos geraes, que se ligam intimamente com o progressivo material de Barcellos—conversa durante a qual s. ex.^a se revelou um barcellense a quem a paixão politica ou interesse partidario nao cega para deixar ver e reconhecer que ha muito a fazer em beneficio d'esta terra—convida-nos a entrarmos no assumpto que alli nos levava.

Annuindo a esse desejo, dirigimos-lhe, assim, á queima-roupa, a seguinte pergunta:

—V. Ex.^a chegou a convencer-se, emquanto presidente da Camara, de que com a união e auxilio de todos os chefes de partido, locais, alguma coisa mais se poderia fazer?

—Não! responde-nos s. ex.^a, sorrindo, como achando graça á nossa interrogação. Do que eu me convenci, sempre, é de que sem dinheiro nada se pode fazer.

Sempre o mesmo mal... pensamos.

—Está então convencido de que a união dos chefes politicos, sem o dinheiro, de nada valerá?

S. ex.^a com um sorriso nos labios diz-nos que sim.

—V. Ex.^a julga de resultados praticos a ideia de se fundar uma Liga defensora e promotora de uma propaganda patriótica em favor dos interesses locais?

—As aggremações patrióticas trazem sempre resultados, que serão tanto maiores e proficuos quanto fór grande o seu alcance e acertada a sua orientação.

—E julga viavel a ideia de que a direcção d'essa Liga seja constituída pelos chefes de partido?

—Não, porque nunca se juntam. E, demais, a *tarantula* da politica tolhe todas as iniciativas.

V. V. vejam o que se passa com os chefes agindo livremente e calculem o que haveria se os mettessem n'uma gaiola!...

A esta resposta rimos-nos e s. ex.^a aproveitando a occasião para nos fazer um alvitre, diz-nos, em tom da mais franca amizade:

—O que eu entendo que podem e devem fazer, pondo de parte a ideia, que não julgo viavel, de reunir os chefes, é o seguinte:

Os snrs. fundam uma Liga, constituída de rapazes novos, como os snrs. são, e para isso fallam aos chefes politicos pois estou certo de que todos hão-de dar-lhes o seu apoio.

—Mas, objectamos nós, uma Liga assim, constituída por pessoas de pouco valor, como nós, que resultados poderá dar?

As iniciativas da mocidade nem sempre são coroadas de exito, como presenciamos a cada passo, e muito menos o serão n'uma Liga que tem de desempenhar-se d'uma grande missão.

—Não é assim. Os novos que tem de formar essa Liga, quando pensarem em algum melhoramento, estudam bem o objectivo a que visam, tratam de remover qualquer óbice que encontrem e, empenhando n'isso toda a população da villa, por meio d'uma propaganda patriótica, apresentam-se então a pedir esse melhoramento.

E' então v. ex.^a de opinião que a Liga deve ser constituída e organizada por nós com os elementos que julgemos bons?

—Sim, com o apoio dos chefes da politica local—apoio que eu desde já lhes dou, declarando trabalhar pela realisação de qualquer iniciativa da Liga. Mas isto, como comprehendem, é o que penso.

Não é furta-r-me a reunir com os outros chefes, pois embora eu seja um chefe politico, vou aonde me chamem, ao meio até dos meus adversarios politicos, fallo e discuto com elles, sem interesse ou paixão partidaria, sempre que se trate do engrandecimento da nossa terra.

—V. Ex.^a, como deputado, presta tambem auxilio e apoio á acção da Liga?

—Emquanto fór deputado, estou prompto a fazer-lhes tudo quanto seja possivel.

—E' então v. ex.^a de parecer que a Liga deve ser constituída, mas nao pelos chefes politicos.

—Já o disse. Assim pôde dar o resultado que desejam. Eu, emquanto fui presidente da Camara, fiz tudo quanto pude, attentos os mingua-dos recursos do Municipio; mas bem desejaria eu que a opinião publica pedisse e reclamasse melhoramentos, porque, tanto essa opinião havia de fazer germinar no espirito de todos que se interessam pelo desenvolvimento de Barcellos, a necessidade de satisfazer ás suas reclamações, que isso daria força e arrojio á Camara para maiores em-penhamentos...

—V. Ex.^a deve ter formado a sua ideia sobre os melhoramentos mais urgentes a esta villa.

—Por melhoramentos materiaes mais urgentes entendo: 1.º, o abastecimento d'aguas e respectiva rede de distribução; 2.º, a canalisação dos esgotos, pelos mais modernos processos hygienicos, como se está fazendo no Porto; 3.º, cuidar muito das contrucções e reconstrucções urbanas, de modo a corrigirem-se os muitos defeitos das habitações d'esta villa, que só nas suas condições naturaes encontram uma correcção aos descuidos e falta de observancia dos mais rudimentares preceitos da hygiene; e 4.º, a illuminação electrica. E' isto o que julgo mais urgente. N'estes assumptos trabalhei já, principalmente no primeiro e quarto; quanto ao segundo tinha ouvido um distincto tecnico, que me mostrou que, realisaado aquelle melhoramento do abastecimento e distribução de aguas, podia montar-se uma rede de esgotos com 6 ou 7 contos de dispndio, ficando a villa em boas condições hygienicas.

—O caminho de ferro, em projecto, de Villa de Conde a Barcellos constitue, no entender de v. ex.^a, um melhoramento para esta villa?

—Sem duvida. Pois tudo quanto seja facilitar o transporte e circulação, é melhorar as condições economicas locais e do paiz.

Como já tivéssemos inquirido s. ex.^a sobre os principaes pontos que tínhamos em vista entrevis-tal-o, divagamos sobre varios assumptos, especialmente de politica, até que soaram as dez horas da noite.

—Não massamos mais v. ex.^a e apenas a repetição d'uma pergunta lhe fazemos:

—Quando esteja um governo progressista no

Phantasias

*Cantae, ó rouxínoes, a tremula canção
Nostalgica da tarde, em cima das ramagens,
E que Ella a sinta e escute, em estos d'emoção,
Mais leve do que aragens.*

*Trazei-lhe o estonteante aroma da baunilha,
O' brisas do poente, ó brisas do sol-pôr,
E que o pesado chão que levemente trilha
Soluce com fervor.*

*Scintillae, fulgurae, ó límpidas estrellas,
Com mais alvor e luz n'esse espaçoso céu,
Para que resplandeça em brancas fôrmas bellas
O meigo rosto seu.*

*Que o mar soluce os canticos da tarde
E accordem de manhã os frescos roseíraes,
Dos sonhos do luar, onde o soffrer não arde
Em chamas funeraes.*

*Que a Natureza traga o que melhor houver :
—Chiméras, illusões, lyrios e phantasias,
Aureos beijos do sol, risos do amanhecer,
Cantos e melodias*

*Para tudo lhe dar, pois que tudo merece !
E que ella sinta, afinal, no Som, na Luz, na Cór,
Que em tudo isso palpita, e vive, e resplandece,
O meu . . . o nosso Amor.*

Porto.

VAZ PASSOS.

Poder, digna-se apoiar as reclamações que se fazem no sentido de conseguir qualquer melhoramento para Barcellos e reconhece na futura Liga Barcellense uma entidade auctorisada não só a pedir mas a reclamar ?

—Ora essa! Sempre ao lado das iniciativas boas

e dignas de apoio, sempre ao lado da Liga, é como me encontram.

E com esta declaração final, demos por terminada a nossa missão, despedindo-nos de s. ex.^a e agradecendo-lhe a atenção que se dignou prestar-nos e ainda a sua attitude perante a futura Liga.

**O que diz o sr. José de Bessa e Mene-
ses, illustre chefe do partido progres-
sista - dissidente :**

Por volta das 7 horas da tarde do dia 6 de Junho, dirigimos-nos ao palacete da Granja, do sr. José de Bessa e Menezes, illustre barcelense e digno chefe local do partido dissidente, afim de termos uma entrevista com s. ex.^a acerca da fundação d'uma Liga defensora dos interesses de Barcellos—entrevista que, por carta, havíamos solicitado e que muito amavelmente nos foi concedida.

No momento em que nos abeiravamos da escadaria da linda vivenda do venerando chefe da dissidência progressista, assomou s. ex.^a ao limiar da porta que dá accesso ao amplo salão de bilhar, em que entramos, admirando, por instantes, a sua rica e artistica decoraçào.

Logo a seguir aos cumprimentos, e como s. ex.^a já estivesse orientado sobre os motivos que nos levaram a pedir-lhe a entrevista, perguntamos :

—V. Ex.^a julga viavel a ideia da fundação d'uma Liga defensora dos interesses de Barcellos, cuja direcção seja constituida pelos chefes locais de todos os partidos ?

—Não me parece viavel essa ideia, porque julgo tarefa difficil reunir todos os chefes politicos que a propria politica traz bastante distanciados.

—E dará resultados praticos a constituição da mesma Liga com elementos que não sejam os chefes de partido ?

—Sim, responde-nos s. ex.^a, melhor seria; mas lembro-lhes tambem que, em Barcellos, ha já muitas associações que poderiam tomar a seu cargo a defesa dos interesses locais. Ha, por exemplo, a Liga Barcellense de Instrucção, onde estão representados todos os partidos, e, a meu vêr, os srs. podiam dirigir-se a ella convidando-a e incitando-a a tomar essa iniciativa.

—Mas, objectamos nós, a Liga de Instrucção tem um fim muito especial e diverso d'aquelle que pretendemos. Parece-nos que o seu programma se resume em instruir e educar.

—E acham isso pouco ?

S. ex.^a, fazendo, com enthusiasmo, a apologia da instrucção e educaçào, em estylo da mais aprimorada litteratura, em que tem bellos conceitos e phrases brilhantissimas, que bem sentimos não poder reproduzir textualmente—continúa:

«Sem instrucção nem educaçào não pôde haver progresso; sem o progresso intellectual não ha o progresso material. Têm de caminhar juntos.

«Um povo sem educaçào nem instrucção, não pôde progredir.

«A instrucção e a educaçào são um incentivo para o trabalho; a origem de todas as iniciativas; o nivel por onde se avalia do adiantamento d'um povo e, finalmente, a base de todo o progresso.

«Ah! se nós tivéssemos a instrucção e a educaçào bem disseminadas por todo o paiz! . . .

—E' para isso que são da maior utilidade as

aggremações co.géneres da Liga Barcellense de Instrucção.

—Sim, porque os governos não prestam a esse assumpto a devida attenção. Quem compulсар os nossos codigos, as nossas leis, convence-se de que Portugal é um paiz liberrimo, onde se cuida com verdadeiro amor do levantamento moral e intellectual e onde os cidadãos gosam das mais amplas liberdades e garantias.

«E' uma ficção: palpando, ao de leve, as mais baixas camadas sociais, bem depressa verificamos o contrario.

«Qualquer governo que tem o Poder, promete desde logo tratar da instrucção, promete medidas liberaes e, afinal . . . todos fazem o que temes pre-senceado.

«São sempre os elos da mesma cadeia . . .

—Mas, volvemos nós, como v. ex.^a sabe, o nosso povo não se interessa absolutamente nada com o progresso da sua terra e nós desejavamos, por meio d'uma propaganda patriótica, fazer despertar o povo da indifferença em que se encontra, até se interessar por tudo que ha a fazer; leve-lo a pedir e reclamar melhoramentos, o que, parece nos, seria de alguma utilidade, porque, assim, quando a Camara projectasse algum melhoramento, sabia desde logo qual era o opinio da massa popular sobre o assumpto.

—Para se modificar qualquer lei—diz-nos s. ex.^a meneando a cabeça—bastam algumas pennadas; mas para se modificar o homem, são precisos annos, séculos, em que as gerações se succedem com maior rapidez do que o aperfeiçoamento se opéra no homem.

—Todavia, se nos fosse possivel conseguir que o povo começasse a interessar-se, conseguir mesmo, a união dos chefes politicos . . .

—Se os srs. conseguissem isso, conseguiam uma grande coisa . . .—diz-nos s. ex.^a, deixando vêr claramente a duvida que tem na consecução da nossa ideia.

—V. ex.^a deve saber, pela orientação que temos dado ao *Barcellos-Revista*, que nos dedicamos, exclusivamente, á defesa dos interesses locais, sem paixão partidaria.

—Os jornaes da provincia não são lidos fóra da localidade; era muito precisa a Liga da Imprensa.

—Era d'um grande alcance, não só para os jornaes de provincia, mas essencialmente para os jornaes politicos de Lisboa e Porto.

«V. ex.^a julga quasi impossivel a união dos chefes; não obstante ha localidades . . .

—Sim, temos um exemplo bem frisante e bem perto de nós: a Povoá, que os srs. conhecem, tem progredido muito, porque os chefes politicos se entendem perfeitamente.

—No caso de não conseguirmos a união dos chefes politicos, v. ex.^a, como chefe do partido dissidente, tem duvida em prestar o seu valioso auxilio a uma Liga constituida com outros elementos, para que a sua acção patriótica não resulte impropicia ?

—O partido dissidente ainda não teve o Poder e está afastado d'elle.

—Parece-nos que esse partido tem todas as

PERFIS MASCULINOS

VII

Nem mesmo por ser da *casa*
Escapou este ao perfil!
Tambem hoje se *alambaza*;
A lei não é de funil!

Nas bailes do carnaval,
Na quadrilha foi constante
Porque na valsa vae mal;
Mas as botas!... adeante:

Mora em rua mui central;
Tem bons pulmões pois dá berro,
Que pode até por *signal*,
Abalar o proprio *ferro*,

Já figurou n'uma *chapa*
Que não vingou! Que arreita!
Pela ponte lá se escapa
Para vêr... *romper o dia*.

No pedalar teve rópia
E subiu ingremes ruas;
E' da junta de parochia,
Vende trincos e gazuas.

Baixo, vivo, falador,
Cabello um pouco eriçado,
Canta *afinado*, um tenor:
Quando eu era morgado.

DOIS AMIGOS.



Capella-mór da Ermida da Frenqueira. — «Diz a tradição que foi mandada construir por Egas Múiz, estando com D. Afonso Henriques no castello de Faria. O que tem de mais notavel, além ha sua architectura, evidentemente do seculo XII, é uma meza de finissimo jaspe, que serve de altar.

Pertencia ao celebre governador de Ceuta, Salat-ibu-Salat, e trouxe-a o 8.º cende de Barcellos, D. Afonso, quando regressou da conquista d'aquella cidade em 1413).

probabilidades de ser governo a julgar pelo seu programma amplamente liberal...

— Pois se um dia o Conselheiro José d'Alpoim for presidente de conselho de ministros, com um gabinete seu, e se eu, sendo vivo, for chefe d'esse partido, aqui, trabalharei para conseguir um accordo com o chefe local do partido que tiver probabilidades de lhe succeder no governo para continuar e concluir os melhoramentos e obras principiadas por uma camara do meu partido.

«Como vêem, a ideia de v.v. é tambem a minha.

—V. ex.ª dá-nos licença de fazer mais uma pergunta?

—Quantas queiram...

—Quaes são os melhoramentos que v. ex.ª julga mais necessários a esta villa?

—Como lhes hei-de dizer quaes são os principaes melhoramentos, se ha tanta coisa a fazer?!

«Nes mo temos nada acabado!...

—Contudo...

—Para mim, o que julgo mais urgente e necessario é a planta da villa. Sem ella, não podemos fazer nada. Nós precisamos de saber o que ha-de ser a villa do futuro. E depois, precisamos d'agua e mil coisas, que se não podem indicar, porque precisamos de tudo.

—V. Ex.ª é de opinião que a Liga, a constituir-se, deve ser por outras pessoas que não os chefes de partido...

—Sim. Os melhoramentos estão a cargo da Camara, porque só ella pode fazel-os. Mas a Liga estuda-os e interessa o povo na sua realisação.

—Podemos, n'esse caso, contar com o valioso

apoio de v. ex.^a para a realisação da Liga conforme já declarou?

—Já lhes disse que a ideia de v.v. é a minha ideia.

«E, por isso, como deixarei eu de lhes prestar o meu apoio?

.....

Tinham passado 25 minutos e não desejando massar por mais tempo o illustre chefe da dissidência progressista, despedimos-nos de s. ex.^a apresentando-lhe os nossos sinceros agradecimentos pela gentileza com que nos recebeu e ainda pelo auxilio com que honrará a Liga que projectamos.

O que diz Monsenhor Domingos José de Souza, illustre protonotario apostolico e chefe local do partido nacionalista:

Foi ainda o desejo de continuar a ouvir os illustres chefes locais dos diferentes agrupamentos politicos, sobre os melhoramentos de Barcellos e sobre a projectada organisação da Liga defensora e incitadora dos interesses e melhoramentos de Barcellos, que, pelas 8,45 da noite de 12 de junho, nos levou a procurar Mgr. Domingos José de Souza, que nos mandou conduzir a uma das salas da sua casa. S. ex.^a, que immediatamente vem ao nosso encontro e a quem respeitosa e cortavelmente convidamos, convidamos-nos a sentarmos-nos n'um sofá e nós, no intuito de não massar muito s. ex.^a, pois sabiamos que não estava ainda completamente restabelecido d'um incommodo de saúde, expuzemos o fim que ali nos levava e pedimos que nos dissesse qual era o seu parecer sobre a fundação d'uma Liga cujo fim fosse trabalhar pelos melhoramentos e em defesa dos interesses de Barcellos.

—Acho bem essa iniciativa, diz-nos s. ex.^a em tom de applauso á nossa ideia.

—E V. Ex.^a julga que será difficil o conseguir-se que os chefes politicos se unam e façam parte d'essa Liga?

—Não me parece que isso se coisiga, por agora, attendendo-se a que elles se acham agora bastante divididos, por motivos que todos conhecemos.

—E conseguir-se-ha, pelo menos, que todos elles prestem o seu apoio aos trabalhos da pretendida Liga, que seria constituída por outros elementos e orientada por uma maneira estranha á politica partidaria?

—Creio que n'isso não terão tamanhas difficuldades a vencer.

—Nós já temos o apoio de alguns d'elles e . . .

—Poís com o meu tambem podem contar; porque não só me é sympathica essa ideia, como tambem é certo que, sempre que se trate de melhoramentos para esta terra, quer sejam iniciados por uma corporação ou por qualquer pessoa, eu prestarei, incondicionalmente o meu apoio e farei o possivel porque se passe de projectos a factos.

—Esta mesma declaração esperavamos já de V. Ex.^a, porque sabemos que se tem dedicado, com

amor, á obra do levantamento moral d'esta terra. E, portanto, presta V. Ex.^a o valioso apoio á Liga e é de opinião que ella mais facilmente pode ser constituída por outras pessoas que não sejam os chefes de partido . . .

—Sim. Julgo de resultados mais viaveis que os srs. constituam a Liga que desejam e para ella peçaem o apoio dos chefes de partido.

Com o meu, repito, podem contar, porque todo o meu desejo é ver trabalhar pelos melhoramentos d'esta terra.

—E já que os melhoramentos que V. Ex.^a entende por mais necessarios?

—São precisos muitos. Mas aquelles em que a Camara mais se empenha (s. ex.^a é o illustre vicepresidente da camara) são agua, saneamento da villa e luz electrica.

—Tudo isso é necessario, dissemos. E conseguir-se-ha dotar a villa com luz electrica?

—Já alguem fallou a esse fim com o digno socio gerente da Fabrica de Serração, sr. D. José Domenech e parece-me que pelas condições propostas á Camara, que são podemos ter luz, ainda este anno ou d'aquí por dois annos.

—Muito bem! ambas as propostas se nos afguram boas e convencemos-nos de que brevemente veremos realisado esse melhoramento.

—Agora, temos de resolver o assumpto.

—Nós havemos de procurar, por todos os meios, interessar, não só os chefes dos partidos, como tambem o povo barcellense, nos melhoramentos de Barcellos . . . a ver se acaba isso de se dizer mal do que não é feito por um agrupamento politico contrario.

—Era uma necessidade isso; mas . . . ha por ali tantas cousas . . .

—Procuraremos tambem avistarmos-nos com os directores dos jornas politicos e pedir-lhes que apoiem a acção da futura Liga.

—Éra uma das cousas bem precisas, a união da imprensa, diz nos s. ex.^a, como que a incitar-nos a tomar essa iniciativa.

—Faremos tudo, com interesse, que esteja ao nosso alcance, para esse fim.

E porque não havemos de nós procurar unir todos os elementos para se trabalhar em beneficio da nossa terra, se temos Braga e Povoia e outras povoações a progredir?!

—Sim, mas devem entender que Braga e Povoia tem outros recursos e sabem tambem que Barcellos é pobre, não tem meios para fazer muitos melhoramentos e depressa . . .

—Sim, não ha duvida; mas o que é certo e que, mesmo com esses poucos recursos que temos, mais se poderá fazer; e contamos em que a Liga alguma cousa fará pelos interesses e melhoramentos locais.

—Tudo quanto de mim dependa, ou esteja ao meu alcance, eu farei á Liga, porque estou sempre ao lado de tudo que seja progredir. E penso que a Liga pôde prestar muitos serviços, se ella tiver uma organisação patriótica e independente da acção politica.

—Assim a queremos, garantimos a v. ex.^a

Como fossem já 9,10 minutos e não querendo

massar por mais tempo o espirito do illustre protonotario apostolico, agradecemos-lhe a gentileza de nos receber, pedindo-lhe desculpa pelo tempo que lhe tomamos. Mas como nos tivesse esquecido fazer-lhe a seguinte pergunta, fizemo-la mesmo á saída:

—V. Ex., como nacionalista, tambem presta o seu apoio politico á Liga, não é verdade?

—Já lhes disse que farei tudo que esteja ao meu alcance.

N'esta altura retiramos-nos, despedindo-nos de novo de s. ex.^a.

*

Devemos dizer que n'uma das passagens da conversa, o illustre amigo dos pobres e bemfeitor das instituições de caridade, nos fallou largamente do programma do partido nacionalista, manifestando o desejo de vér cumprido esse programma de administração publica, que considera de grande alcance. E creê que se o seu partido fór um dia governo, ha-de modificar o mau estado de cousas da nossa politica, porque vê nas suas fileiras homens respeitabilissimos, de valor moral e intellectual.

Continuam a ser publicadas no proximo n.º as entrevistas com os chefes politicos e directores da imprensa local.



S. João em Barcellos — A CASCATA

Coisas velhas

IV

Ha quasi dous annos, talvez, que eu tenho á mão uma estatística de todos os jornaes, que se tem publicado em Barcellos, com os seus nomes, datas da sua publicação e da sua suspensão. Este trabalho, que demandava uma investigação cuidadosa e uma paciência verdadeiramente patriarcal, deve-se ao muito estudo e á tenacissima vontade d'investigar das coisas e dos factos, que interessão á historia de Barcellos, do meu prezadissimo amigo, e nosso distincto homem de letras, Dr. Antonio Ferraz.

S. Ex.^a encarregou-me de eu fazer as notas biographicas de cada um dos jornaes inscriptos n'aquella curiosa relação, ou estatística, como lhe chamei.

Eu fui protelando este insignificantissimo trabalho, cuja demora era absolvida por s. ex.^a todas as vezes, que eu me confessava d'ella.

Estava, pois, um tal serviço n'este pé, quando recebi d'essa illustre redacção o convite para collaborar no *Barcellos-Revista* sendo-me bem manifesto o desejo, de que eu continuasse com as chronicas-«Barcellos ha cincoenta annos»-zomo, em tempo, mandei para a «Lagrima».

Lembrei-me então de encetar este modestissimo e desvalioso trabalho, que não deixa de interessar á curiosidade local.

Não o fiz, porem, sem consultar, e pedir licença para o fazer, ao douto e muito respeitavel autor da estatística, a que me estou referindo.

S. Ex.^a prestou-me gentilmente o seu assentimento, sem o qual eu não poderia uzar de um trabalho, que cavalheirosamente me fôra confiado. A cada um aquillo, que é seu; e da historia que eu vou escrevendo, dos jornaes que conheci, s. ex.^a aproveitará, o que melhor lhe convier.

Na estatística, que me serve de guia n'este caminho, por onde vou indo, segue-se ao «Ecco de Barcellos» «O Mercantil» que appareceu em junho de 1862 e suspendeu em julho de 1864.

«O Mercantil» tem uma historia pequena, e de pouco interesse.

Foi este jornal creado por Manoel Forte de Sá, que bem novo morreu ali, conhecido pelo Comendador Manoel de Sá do Lago Forte.

«O Mercantil» não tinha politica definida, era um ensaio do Manoel Forte nos trabalhos da imprensa; chegando a collaborar na «Folha da Manhã» aonde estava, creio eu, quando fallecera.

«O Mercantil» era impresso no Porto, porque o Forte não se chegou a avençar com o José Vallongo, que tinha a bocca doce do «Ecco de Barcellos».

Por esse tempo publicava-se em Lisboa «A

Gazeta de Portugal» de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, e que era um dos melhores jornaes do paiz.

«A Gazeta» trazia sempre uma secção para o estrangeiro — *Bulletin d'Étranger* — primorosamente escripta em francez; e de que se ha-de lembrar o Manoel Forte? De botar tambem no seu «Mercantil» um — *Bulletin d'Étranger!* — Não lhes digo nada, era da gente arrebentar a rir!

D'esta secção, que era a *melhor* do jornal, ficou-me preso á memoria um engraçadissimo topico.

Por esse tempo houve em Villa Real uma zagagata medonha, ou por causa de eleições ou por outro qualquer motivo politico, de que agora não tenho recordo; o certo é que o governador civil do districto chegou a ser conhecido pelo nome de—*le la mocala*—, tanta foi a *lenha*, que lá houve então.

E Manoel Forte no—*Bulletin d'Étranger*—do seu «Mercantil», principiava assim: «*Pas de nouvelle en Villa Real*».

Não me recordo de haver outros collaboradores de «O Mercantil» alem do seu editor responsavel e redactor principal—Manoel Forte de Sá. «O Mercantil» sustentou sempre um character sério, e podia-se lêr,

18—6—09.

A. PAES.



CARTAS Á MINHA VIZINHA

A vizinha córou com certeza, ao receber esta minha carta e sentia-se um pouco nervosa, de irritação talvez, ao rasgar o envelope que lh'a levou, ás suas mãos brancas, finas e delicadas, como uma joia que *collini* cinzelasse.

Socegue vizinha, acalme o seu nervoso e leia-me de animo tranquillo, porque eu não tento inquietar o seu, já de si tão inquieto coração.

Vou fallar-lhe de cousas banaes, impertinentes talvez, mas não do amor, de que a vizinha sabe muito mais e melhor que eu porque todas e tudo lh'os ensinam e adivinham-o, sonham-o, deseja-o o seu instincto de mulher.

Nem mesmo me comprehenderia se lhe fallasse de amor; porque eu não saberia bordar phrases rendilhadas, em torno d'esse sentimento alambicado, complicado, ro-cóco, que a vizinha aspira deliciada, nos seus romances.

Oh os seus romances! que inveja eu lhes tenho, sabendo, como elles conseguem prender ás suas paginas tantas vezes: inu-

teis, falsas e perigosas, esses lindos olhos de um azul turqueza, meigo e enigmático, como o dos suaves olhos de Sonia.

De resto seria já maçador fallar-lhe em uma coisa que para nós os latinos, representa quasi o assumpto constante das nossas conversas ociosas, conjunctamente com a politica e a má lingua.

No fim de um bom jantar, dizia Dumas *quinto*, um dos tres assumptos inevitáveis é o amor.

E verdade seja vizinha, que entre nós fallar na mulher é fallar no amor; não se concebe a mulher sob outro aspecto.

Não nos lembremos que ella é a primeira educadora dos filhos, a collaboradora indispensavel do homem no trabalho social, tantas vezes a sua melhor conselheira, a mão que ordena, dirige e embelleza o nosso lar!

E, já de começo correspondendo a essa concepção, educamos a mulher, *para agradecer miudo amavel vizinha*.

Que lhe ensinaram no seu collegio de que com tanta saudade se recorda, no seu querido collegio, onde chilreava com as suas companheiras sempre despreocupa-das, frivolas «alegres, como em junho os bandos dos pardaes»?

Algumas valsas, lindas decerto como a de Berger que outro dia lhe ouvi, um pouco mesmo de Chopin que toca em horas de melancolia, como quando o seu namoro lhe não escreve dois dias, ou de Bach que toca quando está *gente de fóra*. Umaz leve tinturas de francez que lhe servem para entremear as suas cartas e as suas conversas de algumas phrases *chics* e para lêr suspirando algum mau livro de Lesueur ou de Bourget.

Ensinaram-lhe tambem esses dificeis bordados que fazem curvar o seu adoravel pescoco flexivel e gracil, como a haste do junquillo, sobre a talagarça, onde a sua paciencia chinezamente se exercita.

E que mais vizinha?

Pintura. Oh a vizinha pinta bem, muito bem mesmo!

Nada do natural é certo, mas os modelos que a sua falta de iniciativa escolhe, permitem-lhe ostentar: essas repolhudas rosas, essas frageis borboletas, essas gon-

A lua

Luz tão grata!
 Sol de prata
 Já sereno se retrata
 No meu rio de crystal.
 —Vens acaso, ó triste lua!
 De beijar a fronte sua,
 Do meu amor? Entra o val.
 Filtra por este arvoredó...
 Escolha aqui n'esta fonte
 Tua fronte...
 Vem sem medo...
 Mais... Assim. Dize-me agora,
 O' lua, se acaso viste
 Minha aurora...

Não! A luz d'esse olhar triste
 Traz metade
 Da saudade
 Que me afaga e me devora!

(Da "Lyra Quebrada,, inédito)

Alberto Malheiro.

Pôr do Sól

Inda ha pouco de púrpura coberto
 E a fulva cabeleira distendida,
 Appollo, sob o immonso pallio aberto,
 Acariciava a terra commovida;

Doirava a branca areia do deserto
 E os concavos da rocha endurecida;
 E ardendo em febre, pelo espaço, incerto,
 Delirava n'uma ancia escandecida.

Tudo era vida, risos e labuta:
 E o sol fecundo em frémitos de lucta
 Lançava o igneo olhar ao mundo estreito.

Agóra, além na curva do horizonte,
 Serenamente, pende a loira fronte,
 Em rubros sonhos, no marinho leito.

Porto—Abril—1909.

Vaz Passos.

dolas de Veneza ou essas paysagens Alpinas que admiro na sua sala de visitas.

Nunca lá vi, minha prendada vizinha, um desses trechos do nosso querido Minho tão singelos, tão frescos, tão cheios de uma vigorosa e rustica poesia.

Mas explica-se: a vizinha não pinta por um amor são, apaixonado pela belleza; não pinta para satisfazer essa necessidade de crear, de fazer viver o bello sob as suas mãos que faz estremecer de uma extranha e poderosa commoção o verdadeiro artista; não pinta com esse grande amor pela verdade, pela natureza que domina os espiritos largos, fortes e creadores.

A vizinha pinta para agradar, como toca para agradar; pinta só para a sua sala de visitas, para offerecer uma prenda ao seu pae ou ao seu namorado, no dia de annos, como para esse dia escolhe o seu melhor trecho e o seu melhor vestido...

De resto apprendeu de embrulhada, um pouco atabaihoadamente esses conhecimentos que no dizer grave das suas mestras:

fazem parte de uma educação completa: a geographia, a historia, as sciencias naturaes, as mathematicas, linguas, etc. etc.

Mas de tudo isso, pouco, muito pouco mesmo lhe ficou. E para que lhe havia de ficar, se a vizinha nunca pensou em fazer uso da maior parte d'esses conhecimentos que ficaram abandonados a um canto do seu cerebro, onde os seus professores os empilharam a trouxe-mouxe: sem ordem, sem methodo e... sem utilidade?

Para que lhe serviu adquiri-los, se para estar n'uma sala, ou para administrar a sua casa não precisará de saber: as leis do pendulo, os costumes dos esquimós ou as proezas de Ramsés II?

E mesmo que precisasse, já nem encontraria talvez estes antigos conhecimentos, no velho sotão do cerebro onde os deixou ficar e onde a traça de certo os terá comido.

Para que lhe serviu adquiri-los a estes e a muitos outros analogos, se na vida os não utilizará, senão por luxo, accidental-

mente, quando ainda se lembre delles, o que raro acontecerá.

E quanto tempo e esforço lhe fizeram perder; tempo e esforço dignos de um melhor emprego!

Ah, mas era necessario poder dizer que tinha uma *educação completa*; mostrar diplomas, medalhas: aos paes, ás companheiras invejosas, á *gente de fóra*, aos *pretendentes*.....

Mas dirá: «importuno vizinho, que queria que eu estudasse? que queria que fosse a minha educação?»

O que queria?

Vou dizer-lho.

Educar bem, adoravel visinha, é preparar para a vida, preparar para uma vida forte, alegre, bella e elevada.

A vizinha está agora ainda em um periodo de transição, num perigoso e instavel periodo de transição; mas amanhã será esposa e mais tarde mãe.

A sua educação preparou-a para esta transição de agora, acautelou-a contra os perigos de uma escolha má, ensinou-a a analysar, a conhecer o homem, a quem vai entregar a melhor e a maior parte da sua vida?

Tornou-a capaz de ser uma esposa boa, habil, delicada? de ser a mãe *forte*, intelligentemente cuidadosa de seus filhos? a *educadora* de mão experiente e amorosa, como a de um estatuário, que ha-de modelar o barro fragil da sua alma e robustecer a carne fragil dos seus corpinhos?

.....

Na proxima carta responderá, se lh'o permitir, a esta interrogação que faz á sua consciencia, mais inquieta agora que o seu coração ha pouco:

o seu humilde admirador e

Vizinho Importuno.

Barcellos, junho—1909.

~~~~~

*Ao nosso illustre collaborador sr. Abbade Antonio Fernando Paes de Villas-boas e a sua ex.<sup>ma</sup> familia, os nossos sentimentos sinceros pela morte inesperada de sua ex.<sup>ma</sup> irmã, a sr.<sup>a</sup> D. Miquelina Paes.*

~~~~~

CONTOS

Variedades . . . innocentes

(continuação)

Acabou a ultima nota de musica. O jardim começou a despovoar-se, n'uma debandada triste de *toilettes*; os candieiros de acetylene tremulavam languidamente, e já reflectiam uma luz pallida e escassa, que augmentava a sombra das arvores a desenharem-se nas avenidas.

A cara empoada dos olhos negros tambem sahio, e o marquez não pôde deixar de seguir aquella phantasia de um momento.

Para destruir um pouco a treva resultante da iluminação deficiente das ruas, o marquez accendeu novo charuto. E' que elle compreendeu que isto seria vantajoso para ambos, como os signaes submarinos a bordo dos transatlanticos.

O phantasma—chamemos lhe assim, sem querer com isto menosprezar os primores dos olhos negros—metteu por entre as casas sinistras de uma rua ainda mais sinistra.

Duas pessoas o acompanhavam; os passos do marquer retiniam traiçoeiramente nas pedras da calçada, sem elle os poder abafar.

Finalmente, o *phantasma* sumia-se melancolicamente na escuridão de umas portadas, e o marquez quedou na rua a olhar para as pedras.

Momentos angustiosos, sem duvida, capazes de fazer esremecer as fibras do coração não sensível.

E então o marquez poz-se a sonhar:

«E' uma mulher ideal, dizia elle, de si para si; ao menos terei qualquer coisa de util, de proveitoso, de mundano. Não é bella, mas é bonita; e se não fôr bonita, a belleza não é nada.

Belleza sem sympathia, é como a luz do sol, que, de tão brilhante que é, fere e incommoda. A lua é mais pallida, mas nem por isso é menos bella.

Esta mulher deu aos seus olhos uma expressão d'amor. E' possivel que me engane; mas se me enganar, ella não pode ser peior que *Manon*.»

~~~~~

Todos os dias, ás dez horas da noite, se ouviam nas pedras da calçada os echos dos passos do marquez. Abria-se vagarosamente uma janella, surgia um vulto feminino, e o marquez então largava de passeiar.

Trocava-se uma affectuosa saudação, em que se distinguia o timbre da voz, um pouco masculina, do vulto da janella. Uma d'essas bellas noites, houve alguém que viu o marquez dependurar-se tragicamente de umas grades de ferro. Esse alguém era eu, que agora traço estas linhas.

Examinei attentamente se das taes grades pendia alguma corda, porque eu conhecia o caracter impressionante do meu collega, e receiava que o amor o levasse ao extremo de se querer enforcar n'uma janella, alli mesmo ás barbas da sua *aimée*.



## O S. João

—EV—

### Barcellinhos

~

## Assistindo

### à regata

Mas não. Apenas notei que o marquez enrolou em volta do seu collarinho uma *boa* de pelles. Não sei o que isto significava.

Um quarto de hora depois, o marquez descia cautelosamente para não despertar a atenção do silêncio.

Não me viu. Eu tomei por uma viella pouco illuminada, e fui sentar-me no banco de um café. Alguns minutos depois o marquez de Flores de Liz estava a pé deante de mim, estendendo-me nobremente a mão.

Observei-lhe que o seu casaco tinha manchas de cal.

Elle sorriu-se, e disse-me :

—Nem tudo o que reluz é ouro.

Não percebi o que isto queria dizer mas fiz uma ideia, como toda a gente costumava fazer, para não ter o desprazer de passar por bruto.

\* \* \*

Duas noites depois, (estas entrevistas só se realisavam com a protecção das trevas) eu tornei a ver o marquez passear em frente das taes grades, e um pouco agitado. Então vio entrar pelas portas. Dentro esperava-o o phantasma do jardim.

Sentou-se n'uma pedra, larga bastante para comportar duas pessoas.

Fallava muito, mas não pude distinguir os sons.

A certa altura, tirou do bolso um charuto, e a seguir, a caixa dos phosphoros.

Accendeu um phosphoro, queima o charuto, e depois, com o phosphoro ainda acceso, illumina em cheio a casa do phantasma.

Brilharam de novo uns olhos negros; reapareceu uma cara muito empoada; as orbitas, profundamente coradas, davam áquella cara uma apparencia sinistra do aspecto. E eu então pude contemplar bem aquella mulher, á luz vacillante de um phosphoro de cera.

Sorri. E n'este sorriso, traduziu-se a inquietação da minha personalidade.

Lamentei por momentos a sorte do meu amigo.

Temí que elle, tão psicologo e tão sceptico em questões de sexo fragil, estava entregue á mais amarga illusão.

\* \* \*

Passaram oito dias. Encontrei o marquez no Porto, que se dirigia para a capital. Perguntei-lhe o que fazia. Respondeu-me que não fazia nada, e que era por isso mesmo que a vida lhe parecia pesada e aborrecida. Notei que usava monoculo, e perguntei-lhe tambem o motivo da innovação na sua *toilette*. Respondeu, sorrindo, que era para lh : dar um ar mais sceptico.

E então, disse-lhe eu :

—Nem tudo o que reluz é ouro, não é verdade ?

—A que proposito vem isso ?

Oh! meu caro . . . lembrou-me dizer isto á falta de outra coisa. Mas olha : Já sabes que vi agora aqui no Porto uma cara empoada que algumas vezes encontrei no Liz ?

(O Liz, chamava-mos nós á terra do marquez, por causa do seu titulo).

—Quem ? perguntou elle, com uns olhos inquiritoriaes.

—O.e ! tu bem sabes ! Pois então não te recordas de a ter visto á luz de um phosphoro ?

O meu amigo deitou-me uns olhos maliciosos; tirou o monoculo e disse-me :

—Pois tu ? !

—Vi, vi. Ou melhor, fiz uma ideia. Deves ter sido feliz. Não te faltam idyllios; sempre assim foste.

—Perdão; esqueceu-me de te contar mais esta aventura; mas se não t'a contei, tu estás farto de a conhecer.

—Oh não. Não vi o que se passou.

—Não se passou nada. Fiquei alluc'nado. Que-

ria casar-se, e eu, ... tu bem o sabes ... inda não estou disposto.

—Mas ...

—Não ha *mas*. Tu sabes o que são pretensões de mulheres?

—Eu sei lá!

—São terríveis.

—Acredito. Sobretudo as d'aquella.

—Mas então sabes?

—Sei. Escuta:

E então dei logar aos vãos da minha phantasia. Recordei coisas passadas. Conteí segredos estonteantes. O marquez a certa altura franziu o sobrolho. E por fim, disse-me:

—E agora estas bom?

—Oh! sim estou. Tu bem sabes que os males não são eternos. N'este mundo tudo passa.

—Mas até eu andava illudido. Porque não te contei eu a aventura para que tu me prevenisses a tempo?

—A culpa foi tua meu caro. Resigna-te, porque é esse o preço das pequenas desgraças, bem como das grandes.

\* \* \*

E ahí teem como o marquez de Flores de Liz, sempre tão amigo de me contar as suas aventuras, foi severamente castigado, por me ter encoberto um tão simples detalhe da sua vida.

Permittam-me os leitores do *Barcellos-Revista* que eu, á laia de moralista, tire d'este episodio uma conclusão util e proveitosa. Essa conclusão resumil-a-hei n'um proverbio conhecido, tão conhecido que quasi nem preciso cital-o. Esse proverbio diz: *antes que cases, olha o que fazes*.

TCH-FU.

## O romper d'alva

Desperta a natureza rasgando o manto das trevas; surge por entre scintillações aurifulgentes o astro rutillo do seio ethereo; e qual Deus de bonhomia, afaga o universo, no seu manto de luz e calor.

A avesinha embriagada, com a rapida mudança, solta aos ares o melodioso som dos seus gorgeios, como que agradecendo ao Creador o surprehendente scenario da madrugada.

A atmosphera limpida e serena, convida o homem a admirar a maravilhosa transição das trevas para a luz.

O silencio desaparece, a pouco e pouco, e um rumor surdo chega a nossos ouvidos; o homem começa a grande lucta pela vida e a natureza inteira é accionada pelo grande motôr universal.

L. M.

## Apontamentos para a historia de Barcellinhos

(Individualidades notaveis)

I

*Fr. Francisco de Barcellinhos*

O seu appellido indica a naturalidade; porem as datas do nascimento e obito são ainda desconhecidas.

Professou na ordem franciscana da provincia reformada da Soledade, sendo, por vezes, eleito definidor do Minho e guardião de alguns conventos da sua ordem nomeadamente no de Nossa Senhora da Assumpção da villa de Azurara (hoje do concelho e comarca de Villa do Conde) pelos melhoramentos que n'elle introduziu no anno de 1747, acrescentando-o na parte relativa á livraria e barbearia.

Foi religioso muito estimado e eximio pregador.

(Continua)

B. Antas.



## Chronica ligeira

*Envolve a presente chronica duas quinzenas e varias notas ha a registar; porém, não sobeja o espaço e até, o á ultima hora, em que sempre traço estas rapidas linhas, me não deixa tempo bastante para bem me occupar de assumptos, que fizeram verdadeira sensação no nosso meio.*

*Apezar d'isso não deixarei de notular os dois principaes acontecimentos, ambos da segunda metade do passado julho:—a recita em beneficio das vítimas do Ribatejo e as festas ao santo Precursor; e não esquecerei, tambem, de me referir ao «deficit» com que se encerraram as contas das festas das Cruzes, e que é um dos casos que, ultimamente, muito tem «preoccupado»?—dado pasto ás conversas dos pequenos centros, onde os barcellenses gastam as suas horas de ocio.*

*«Preoccupado?...» O que á villa interessou foi que as festas se realisassem e, particularmente, a quem d'ellas tirou promptos e rendosos resultados.*

# O meu tumulo

*Ter uma campã n'um rosã de flôres  
E uma singella cruz erguida a meio,  
Onde as aves de variegadas côres  
Possam cantar em placido gorgeio;*

*Ao lado, um puro e crystallino veio  
Colleando a campã em placidos rumôres,  
Onde se vá beijar, n'um doce enleio,  
A lua aberta em pallidos fulgôres. . .*

*Eis o modesto tumulo sonhado,  
E que eu desejo ter um dia, quando  
Tiver á vida as palpebras cerrado!*

*Que bom será dormir assim contente! . . .  
—Por entre flores passaros noivando,  
E eu a sonhar contigo eternamente!—*

LIVIO PERALTA.

*Agora . . . as consequencias? . . . Isso é com a «comissão». «Que não fosse tola, que se medisse com as suas forças», ha-de por ali dizer muita gente, da que mais lucrou com as festas.*

*Mas é barbaro e duro que uma comissão patriótica, que soube attrair milhares de forasteiros, canalizando dinheiro em bar-da para os cofres de certos estabelecimentos industriaes e commerciaes, ainda tenha de, após os mais extraordinarios e reherantes trabalhos, ser sacrificada monetariamente, dando o que não deve, depois de ter consumido muitos esforços e quasi se ter extenuado de fadiga, enquanto que os que mais utilisaram; nem subscreveram, sequer, com quantia que equivalesse, pelo menos, á terça parte dos grandes beneficios que as festas lhes trouzeram.*

*Ora isto é monstruoso, é uma verdadeira iniquidade, contra o que me revolto.*

*Mas, afinal, não ha-de haver quem de direito intervenha, mesmo para garantia do*

*futuro, para que um justo desanimo não vá anniquilar iniciativas generosas, sempre florentes no nosso meio, mas que, virão a estiolar-se á força de taes «créstas?»*

*A «Associação Commercial», a instituidora da Comissão e que no numero dos seus associados encontra os que mais lucraram com as festas, não deveria tomar sobre si o encargo de . . . solver o existente «deficit».*

*Não deveria? . . .*

\* \* \*

*No dia 20 teve lugar o sarau em beneficio dos que soffreram com o terramoto de abril, no Ribatejo.*

*Foi uma festa d'«élite». Houve um discurso notavel do sr. dr. Augusto Monteiro, primôres de dicção no recitar de formosas poesias; magnífica execução e deliciosa intepetação de formosos trechos musicaes e uma arte superior no desempenho de escolhidas peças theatraes. Realmente, é difficil*

encontrar tão valioso conjuncto, principalmente, nas restricções d'um meio pequeno, como é o nosso. Mas a verdade é que todos os que tomaram parte no interessante espectáculo se houveram com grande êxito, especialmente a *Maria Victoria Simas Machado*, que é sem duvida a pujante manifestação d'uma artista de genio e *D. Elisa Vinha*, que mais uma vez affirmou as suas brilhantes aptidões para a scena.

\*  
\*   \*  
\*

As festas baptistas tiveram n'este anno aqui grande estrondo, mormente as d'aquem rio, pois até foram tropeçadas pelo continuo ribombar de insupportavel «Zépreiras».

Mas foram muito bonitas, sendo de grande effeito as illuminações quer as de Barcelinhos, onde o local dá particular realce às decorações luminosas, quer as de cá da villa, em que o *Joaquim do Roda*, especialmente na cascata, poz todo o seu engenho.

Festas de rivalidades não occasionaram desordens, felizmente e todos brilharam, mas seja dito em abono da verdade que para festejos ao *S. João*, não ha sitio melhor que o rio e as suas encantadoras margens.

Para ali é que devem convergir todos os esforços, quando queiram festejar o *Peregrisor*.

E disse

M.

## SPORT

### TIRO AOS POMBOS

Com regular assistencia realisou-se no dia 23 de junho, em Barcelinhos, o annuciado torneio de tiro aos pombos, organizado pelo «Sport Club Barceñense», o que resultou, sem duvida, um dos melhores numeros do programma dos festejos ao *S. João* n'aquella localidade.

Dos atiradores inscriptos, que foram em grande numero, salientaram-se e tiveram premios os srs.:

*Visconde da Fervença*, 1.º premio, uma medalha d'ouro, do «Sport Club.»

*Jorge Azevedo*, 2.º premio, uma colher de prata para pasteis, do «Sport Club.»

*Miguel M. Gajo*, 3.º premio, um estojo com colheres de prata para chá, do sr. *D. Manuel Paris Badia*.

*Joaquim Vinagre*, 4.º premio, uma caneta, das ex.<sup>mas</sup> Damas Barceñenses.

Foi presidente do jury o sr. *Major Simas Machado*, e director do torneio o sr. *Tenente X. Bacellar*.

Aos premiados as nossas felicitações.

### POULE AOS POMBOS

Em Barcelinhos, na margem do Cavado, teve logar no dia 27, a primeira poule aos pombos, tambem organisaada pelo «Sport Club», despertando grande interesse, como todos os divertimentos promovidos por tão prestante aggremação.

Tomaram parte na poule, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> *D. Elisa Vinha* e os sr.<sup>s</sup> *Visconde da Fervença*, *Dr. Pinto Ribeiro*, *Carlos Ramos*, *Tenente Bacellar*, *José Olimpio* e *Francisco Torres*.

Ganhou a poule o nosso amigo sr. *Carlos Ramos*, aquem endereçamos parabens.



### EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos presados assignantes d'esta villa e de Barcelinhos, o favor de pagarem, prontamente, os recibos que vamos mandar para o correio, não nos obrigando, com a devolução de elles, a novas despezas. Esperamos, de todos, este favor, pelo que desde já manifestamos o nosso agradecimento.

No intuito de dar-mos publicidade ao maior numero das entrevistas que temos tido com os chefes politicos e terminar, nos dois proximos numeros, com a publicação d'ellas, fizemos com que os n.ºs 8 e 9 do *Barcellos-Revista* sahisses juntos, no que em nada prejudicamos os nossos assignantes.

A todas as pessoas a quem enviamos, pela primeira vez, o *Barcellos-Revista*, pedimos o favor de o assignar.

O «*Barcellos-Revista*» encontra-se á venda no Centro de Novidades.